



PROPOSTA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA E ENSINO: METODOLOGIA PROPOSTA NOS LIVROS DIDÁTICOS. ¹

SOUSA, Isabelle Guedes da Silva
PÓS-LE UFCG
isaguedessilva@gmail.com

MOURA, Lucielma de Oliveira Batista Magalhães de²
PÓS-LE UFCG

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitos autores (FÁVERO E KOCH, 1983; FRANCHI, 1991; LUFT, 1997; GERALDI, 1997; PERINI, 2000; TRAVAGLIA, 2006; entre outros) têm proposto alternativas para a prática de ensino de professores de língua que privilegiam métodos normativos e descontextualizados. Os resultados de muitas destas pesquisas apontam a AL como melhor sugestão para modificar essa prática tradicional arraigada nas práticas escolares (GERALDI 1984, 1997, 2003; MENDONÇA, 2006; REINALDO, 2008; APARÍCIO, 2009; ARAÚJO E KEMIAC, 2010; BEZERRA E REINALDO, 2013).

Em 1984, o surgimento da AL se dá em face da crítica ao ensino tradicional de gramática, que desconsiderava a compreensão do fenômeno linguístico, em benefício das regras e terminologias gramaticais. Segundo Geraldi ([1997]2006), nestas práticas estão arraigadas atividades metalinguísticas caracterizadas como “atividades de conhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações, etc.” (p. 25) e por si não são produtivas para a aprendizagem.

Investigamos a AL em LDP do EM porque comungamos coma ideia de que esta é a principal ferramenta para o professor em sala de aula, embora não deva ser tomado como única. Segundo, porque materializam perspectivas

¹ Este artigo faz parte de uma investigação mais ampla realizada em 2013 intitulada *Análise Linguística em Livros Didáticos de Português do Ensino Médio*.

² Mestrandas do PÓS-LE, da Universidade Federal de Campina Grande, ambas investigando objetos que relacionam-se ao ensino de língua.

teóricas e metodológicas sugeridas pelos parametrizadores da educação. Desse modo, objetivamos neste artigo analisar em que princípios teórico-metodológicos o estudo da língua é explorado nas coleções de livro didático de Faraco e Moura (1998/2010) do Ensino Médio.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa de natureza interpretativista (MOREIRA; CALEFFE, 2008) do tipo documental (LE GOFF, 2003), tendo como *corpus* as seções dedicadas ao estudo das unidades da língua, no livro didático de Ensino Médio Língua Portuguesa – linguagem e interação, de Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2010). Para análise dos dados selecionamos as seções destinadas ao estudo das unidades da língua.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que encontramos na seção

O LD selecionado foi resenhado no Guia do PNLD de 2012 (BRASIL, 2011). Para análise a seção “Língua: análise e reflexão”. Nesta verificamos a conceituação dos conteúdos gramaticais e os exercícios propostos.

No volume um (01), no capítulo um (01), os autores abordam como conteúdo “O tempo na narrativa”. Iniciam a seção a partir da leitura do conto que abre o capítulo “Cem anos de perdão”, de Clarisse Lispector como vemos na figura 01.

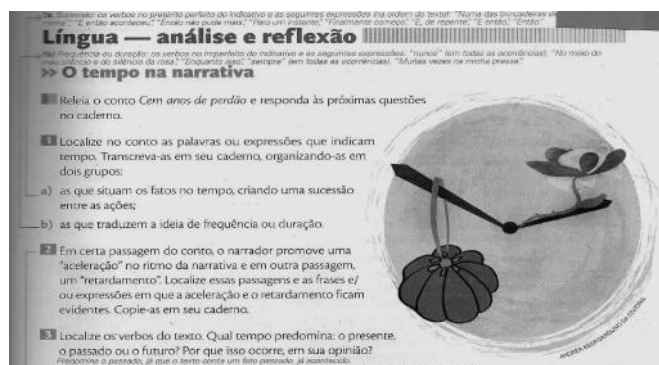


Figura 01: Seção Língua-análise e reflexão, Volume 01, capítulo 01.

Fonte: FARACO, MOURA e MARUXO JR. 2010, p. 03.

As questões iniciais retomam sobre o conteúdo “tempo” e solicitam que

o aluno identifique ou copie as palavras retiradas do conto utilizadas no início do capítulo. Elas conduzem o aluno a perceber esses usos e efeitos produzidos de “aceleramento” ou “retardamento” que são sugeridos nos contos. Logo, em seguida, expõem conceitos sobre o texto narrativo e a construção do tempo na narrativa, através de um quadro de descrição teórica.

No tópico “I. O tempo da narrativa”, posto logo em seguida, os autores não consideram a classificação gramatical tradicional: os tempos verbais gramaticais são expostos de acordo com sua funcionalidade apenas em tipologias narrativas. Desse modo, apenas são abordados os tempos do pretérito e o presente do modo indicativo. Em seguida, no tópico “II. A sequência dos fatos” é abordada apenas verbos no pretérito perfeito e mais-que-perfeito, além de palavras e expressões da língua que sugerem tempo.

Por exemplo, o pretérito mais-que-perfeito é inserido em uma classificação de “retornos temporais”, em que “ações de sequências dos fatos quando, às vezes, o narrador sente necessidade de interromper a sucessão dos fatos para contar algo que aconteceu antes”. Nesse caso ele usa o pretérito-mais-que-perfeito e expressões temporais que indicam esses retornos (FARACO, MOURA, MARUXO JR., 2010, p.42). Cada categoria é definida e posteriormente exemplificada em trechos de textos.

O pretérito imperfeito é abordado no tópico seguinte “III. O ritmo” que focaliza atitudes do narrador no texto, seguindo a mesma metodologia: exposição do conceito seguido de exemplificação em trechos de textos.

Essa organização sugere influência da Linguística de texto e da Teoria da enunciação. Primeiro por abordar o conteúdo a partir do gênero (aspecto linguístico inerente ao gênero - tempo). Segundo, porque não abordam todos os tempos verbais em uma única seção, nas tradicionais tabelas de conjugação. Para concluir a seção, coloca-se um exercício ilustrado abaixo:

- 4 Releia o conto *A bela e a fera* e reúna-se com alguns colegas. Tentem localizar as expressões temporais que marcam a sequência dos fatos. Identifiquem, no ritmo da narrativa, exemplos de aceleração, retardamento, antecipação... Copiem no caderno as expressões que encontrarem.

Professorial, o importante é que os alunos comecem a perceber a forma como os tempos verbais (principalmente os do passado) ajudam a construir a representação temporal da narrativa e contribuem para os efeitos de sentido (aceleração, retardamento, etc.) no texto narrativo. Ao longo desta coleção, a questão dos tempos verbais será minuciosamente discutida.



Figura 02: Seção *Língua-análise e reflexão*, Volume 01, capítulo 01.

Fonte: FARACO, MOURA e MARUXO JR. 2010, p. 43.

Antecedendo esta atividade, há exposição de inúmeros aspectos inerentes a construção do texto narrativo. Esta questão aborda o aspecto composicional do conto “A bela e a fera”, pois seu foco incide na estrutura do gênero. Porém, “localizar” e “copiar” palavras no texto que expressam os efeitos sugeridos no enunciado constitui a mobilização de conhecimentos que não foram abordados na orientação teórica.

Constatamos que os autores corroboram, a princípio, teoricamente com a ideia proposta por Geraldi (1984, 1997) retomada nos PCN (1998), em selecionar o estudo das unidades da língua a partir da situação comunicativa e da realização de atividades epilinguísticas e metalinguísticas, mas metodologicamente ainda seguem tradições escolares.

Apesar de nessa seção ocorrer à abordagem de algumas categorias temporais em função do gênero, não há orientação metodológica específica de como utilizá-las para atingir os efeitos que são desejados nos textos, pois na descrição teórica partem da definição do conceito que é seguida de exemplos, em trechos de textos, isolados de seu contexto.

Essa metodologia vai de encontro à proposta de AL, porque segue a metodologia tradicional que pauta-se na sequência definição-classificação-exercitação, como verificamos na seção analisada. É importante destacar que o fato de não seguir o viés da gramática tradicional em abordar todas a categoria temporais, suas nomenclaturas e conjugações, é um aspecto muito positivo para coleção e para o ensino de língua.

CONCLUSÃO

O princípio metodológico verificado na coleção não tem uma proximidade com a AL, e ainda são pouco significativas para o desenvolvimento de um ensino de língua pautado na reflexão. As seções ainda não são construídas com a realização de atividades epilinguísticas precedendo as atividades metalinguísticas em sua maioria. Não tomam unidades reais de



significação utilizando “o texto como pretexto”. Porém já constatamos algumas mudanças decorrentes da influência da AL no que diz respeito à exposição teórica. Os exercícios demonstraram ainda não ter sofrido nenhuma influência, sendo reduzida a possibilidade de reflexão sobre a língua.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. L. de; KEMIAC, L. Princípios subjacentes à literatura sobre análise linguística. **Leia escola**: Revista de pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. Campina Grande: Adufcg, 2010, ISSN 1518-7144. Disponível em <http://www.posle-ufcg.com.br/revista-leia-escola/volume10-Numero1-2010.pdf>. Acesso em 02/02/2013.

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística**: afinal, a que se refere? SP: Cortez, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação básica. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2012: Língua Portuguesa. – Brasília: MEC/SEB, 2011.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In, **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.

MENDONÇA, M. Análise Linguística no EM: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio e MENDONÇA, Márcia (orgs). **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola, 2006b. PP 199 – 226.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
